

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

SEM SINETA NEM SALA DE AULA: INFLUENCIAS DOS CONCEITOS DE TEMPO E LUGAR NO ENSINO EM EAD.¹
NO BELL NOR CLASSROOM: INFLUENCES OF THE CONCEPTS OF TIME AND PLACE IN DISTANCE LEARNING

Mariane Denise Martins²

¹ Trabalho decorrente da Dissertação de Mestrado.

² É bacharel em Administração pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Bacharel em Sociologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e Mestre em Educação nas Ciências também pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Resumo:

Tendo em vista as dificuldades dos professores para atuarem na modalidade a distância este artigo busca problematizar a discussão em relação a atuação do professor no ensino da modalidade EaD. Com esta reflexão busco entender algumas origens das dificuldades que o professor tem neste trabalho. Partindo do entendimento de que as noções de tempo e espaço são fundantes na educação e na constituição dos entendimentos de ensino do professor, através de uma pesquisa bibliográfica, busco problematizar o impacto das mudanças dos conceitos de tempo e espaço no decorrer da história, no processo de ensino. Como resultado, identifiquei que se evidencia uma compreensão dos professores sobre o ensino, advindas de um entendimento de escola, fundado nos conceitos de *tempo* e *espaço* pré-moderno. Partindo dos conceitos de espaço, tempo e lugar de Giddens (1991), deste período, o tempo e o lugar eram termos que se complementavam, e o “onde” era definido pelo “quando”. Assim, o ensino se dá num “onde”, sala de aula, e é definido pelo “quando”. A Educação a distância muda esta situação, e parece que exige do professor assimilar o conceito de *espaço*, onde não há presença, nem interação face a face advindo da Modernidade, mas ainda não incorporados em sua prática.

Palavras-chave: Tempo. Espaço. Lugar. Professor. Educação a Distância.

Abstract

In view of the teachers' difficulties to act in the distance learning modality, this article aims to problematize the discussion regarding the teacher's performance in this context. With this reflection, I aim to understand some origins of the difficulties found by teachers in this work. Considering that the notions of time and space are foundations to the education and to the constitution of the teacher's uptake on teaching, through a bibliographic research, I seek to problematize the impact of the changes in the concepts of time and space in the teaching process throughout history. It is possible to observe an understanding of teaching that comes from an

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

understanding of school, founded in the pre-modern concepts of time and space. According to the concepts of space, time and place proposed by Giddens (1991), in this period, time and place were terms that complemented each other, and “where” was defined by “when”. Thus, teaching happens at a “where” (classroom) and it is defined by “when”. Distance learning changes this situation, and it seems to demand from teachers that they assimilate the concept of space, where there is no presence, nor face-to-face interaction, coming from modernity, not incorporated in their practices yet.

Keywords: Time. Space. Place. Teacher. Distance Education.

Considerações Iniciais

As TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) propiciaram mudanças muito grandes nos últimos anos na nossa sociedade. Em relação a comunicação, nos últimos 20 anos a sociedade passou da troca de informações, por telegrama ou carta, assíncrona, para comunicação pelas redes sociais completamente síncrona e com pessoas do outro lado do mundo. Ao dar-se conta que a menos de 5 anos a rede social Whatsapp não fazia parte de nossa vida, por exemplo, percebemos que as mudanças ocorreram de forma cada vez mais celerada. Esta mudança, provocada pelas TICs não só mudam o aspecto da comunicação, mas associada a outras questões, também a noção de tempo e espaço, e isso traz consequências para todas as esferas da nossa vida, tornando a discussão muito mais complexa.

Ao mesmo tempo que acompanhamos estas transformações a partir do desenvolvimento das TICs, em relação à educação, parece que as mudanças foram mais lentas. Se compararmos as salas do início do século passado, às atuais, veremos que a organização deste espaço não mudou muito, nem mesmo a organização do tempo e ainda pouco, a didática e a pedagogia. E o que isso significa? É possível afirmar que a escola e o ensino, de forma geral, não mudaram muito, desde o advento da Modernidade?

Mas e se esta sala de aula desaparecer e a sineta que marca os tempos também? Como as pessoas que ocupam este espaço, neste tempo, agirão? Como os professores, que foram educados em salas de aulas com sinetas, irão trabalhar no ambiente virtual na Educação a Distância (EaD)?

Pesquisas já apontam as dificuldades que os professores têm enfrentado nesta modalidade. Diante destas dificuldades, muitos sentem-se inseguros pedagógica e psicologicamente (SOUZA, 2011) e acabam procurando então, repetir as práticas pedagógicas do ensino presencial e, a partir desta situação, a mobilização dos saberes se dá a partir de sua prática/experiência de outro lugar, logo, incongruente com a realidade da EaD, (OLIVEIRA 2011; SOUZA, 2011; PETERS, 2004; MACHADO, 2011).

Diante desta realidade, este artigo busca problematizar a discussão em relação a atuação do professor no ensino da modalidade EaD. Com esta reflexão busco entender algumas origens destas dificuldades. Partindo do entendimento de que as noções de tempo e espaço são fundantes na educação e na constituição dos entendimentos de ensino do professor, busco problematizar o impacto das mudanças dos conceitos de tempo e espaço no decorrer da história, para professores

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

no processo de ensino.

Esta proposta reflexiva, foi feita através de uma pesquisa bibliográfica e não pretende ser concluída neste artigo. Com a pretensão de ampliar a reflexão, estas ideias podem ajudar a compreensão das dificuldades dos professores na EaD. Assim, ao compreender as origens das dificuldades, é possível construir propostas, sejam de formação, sejam de apoio pedagógico mais assertivos, com fins de melhorar a qualidade do ensino a distância.

1.1 A constituição do tempo e do espaço na história: breve retomada

O entendimento da organização do espaço e do tempo são importantes e fundantes na sociedade moderna. Esses dois aspectos estruturam a economia, a cultura, e a vida dos sujeitos através da organização do trabalho, assim como a organização do trabalho, a cultura e a economia, vão constituindo sentidos para tempo e espaço. A partir deste princípio, estes conceitos também irão organizar instituições e construir sentidos sobre elas, como as família, escolas e universidades.

Ao longo da história os conceitos de tempo e espaço tiveram variações de sentidos. Ao refletir como viviam as pessoas na idade média, percebe-se que estes conceitos, naquela época, tinham significados diferentes das existentes nos dias hoje, isso porque,

A objetividade do tempo e do espaço advém, em ambos os casos, de práticas materiais de reprodução social; e, na medida em que estas podem variar geográfica e historicamente, verifica-se que o tempo social e o espaço social são construídos diferentemente. Em suma, cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço. (HARVEY, 2006, p. 189)

Assim, na medida que a forma de reprodução da vida da Idade Média era diferente da atual, as noções de tempo e espaço variaram também. Na pré-modernidade o tempo e espaço eram conceitos difusos, imprecisos e estavam vinculados um ao outro. Assim, o “quando” estava diretamente vinculado ao “onde”, como afirma Giddens (1991, p. 27), “Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos dominados pela “presença” - por atividades localizadas. ”

Esta ideia muda a partir da Modernidade. A invenção do relógio mecânico (final do século XVIII, segundo Giddens, 1991), promove a separação do entendimento de tempo e espaço. Ele traz

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

a ideia de um tempo independente do local, apenas definido pela hora dada, pois,

O relógio expressa uma dimensão uniforme de tempo 'vazio' quantificado de uma maneira que permitisse a designação precisa de 'zonas' do dia (a 'jornada de trabalho' por exemplo). O tempo ainda estava conectado com o espaço (e o lugar) até que a uniformidade de mensuração do tempo pelo relógio mecânico correspondeu à uniformidade na organização social do tempo" (GIDDENS, 1991, p. 26).

Quando acontece este esvaziamento do tempo, também acontece o esvaziamento do espaço já que a coordenação do primeiro é a base de controle do segundo (GIDDENS, 1991). Assim, "O desenvolvimento do 'espaço vazio' pode ser compreendido em termos de separação tempo e lugar". (GIDDENS, 1991, p. 26).

A partir da desconexão de sentidos, de tempo e espaço, há definições distintas também para lugar e espaço, então, enquanto o lugar "é melhor conceitualizado por meio da ideia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social como situado geograficamente" (GIDDENS, 1991, p. 26-27), o espaço toma outra dimensão, a partir da Modernidade pois, "O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros "ausentes", localmente distantes de qualquer situação dada, ou interação face a face" (GIDDENS, 1991, p. 27). Esta diferenciação conceitual, é fundamental para pensar a problematização deste artigo, já que estou propondo que estes entendimentos, mais o conceito de *tempo*, são fundamentais para compreendermos as dificuldades de atuação dos professores no ensino a distância.

Estas noções de tempo e espaço, que surgem na Modernidade, vão constituir as instituições modernas. Em relação a educação, os primeiros processos de ensino aprendido se institucionalizaram na escola e espaços educacionais formais, como universidades, a partir deste período. Desde então, a formação escolar e universitária, institucionalizada, se deu historicamente em tempo e lugar definido. Nestes lugares havia (e ainda há) o professor e uma turma de alunos em uma sala de aula, durante um tempo definido, no qual o primeiro instruiu ao segundo sobre determinado conteúdo. Esse cenário educacional e suas peculiaridades, não mudaram na história, exceto pelo acréscimo de algumas ferramentas tecnológicas. Ainda assim, considerando que o desenvolvimento das tecnologias não é homogêneo em todas as instituições de ensino, ainda há o mesmo cenário nos dias de hoje.

Nestas instituições, escola ou a universidade, o entendimento de tempo e lugar são fundantes na sua constituição conceitual. É assim que Tardif e Lessard definem a escola moderna como "um espaço social autônomo, fechado e separado do ambiente comunitário e dentro do qual as crianças são submetidas a um longo processo de aprendizagem" (TARDIF; LESSARD 2005, p.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

57). Apesar do autor tratar a escola como espaço social, parece que ao complementar referindo-se a este espaço como “fechado e separado do ambiente comunitário” ele está tratando efetivamente de um “lugar físico localizado geograficamente”. O texto alvitra uma determinação do local: sala de aula, preferencialmente, como espaço de ensino. Se assim for, há na definição da escola moderna, a noção apenas de lugar, reafirmando o entendimento de Giddens (1991), desta separação conceitual, pois aqui não está referido o entendimento de espaço.

Em relação ao tempo na educação, seguindo com os mesmos autores, Tardif e Lessard a afirmação é de que é “constituído, inicialmente por um continuum objetivo, mensurável, quantificável, administrável [...]” (2005, p.75). Além disso, é “um tempo social e administrativo imposto aos indivíduos, é tempo forçado” (TARDIF; LESSARD, 2005, p. 76). Aqui, na discussão da escola, mais uma vez me reporto a Giddens (1991), pois o tempo ‘vazio’ quantificado, é representado pelo “tempo administrativo imposto e designado”. Assim, a escola/universidade, moderna é fundada também a partir dos princípios de *tempo, espaço e lugar* suscitados na Modernidade. Estas instituições são construídas sob este imaginário fundante da educação que diz “onde” e “quando” ensina-se ou aprende-se.

Ao refletir sobre como estes conceitos se efetivam, na realidade é possível perceber que existe uma conexão muito grande entre tempo, espaço e lugar. A partir do exposto, parece que há, na prática das escolas, ainda resquícios de entendimentos pré-modernos. Veja: se o espaço é a escola, o lugar é a sala de aula, com “tempo forçado” onde “crianças são submetidas a um longo processo de aprendizagem”, esta aprendizagem, logo, o ensino, também estão definidos a partir de um “onde”, que por sua vez, é definido pelo “quando” e vice-versa. Se o lugar de ensino é a sala de aula, com os alunos, o entendimento de espaço/lugar de aprendizagem escolar está definido sob um tempo administrado, imposto. Logo, o onde se confunde com o quando e as “dimensões espaciais da vida social são dominadas pela presença”, conforme Giddens (1991), afirma sobre a pré-modernidade. Se este entendimento estiver correto, precisamos pensar que talvez os entendimentos de tempo, espaço e lugar que fundam os processos de ensino e aprendizado atuais, seriam assim, pré-modernos.

1.2 A importância do entendimento de tempo e lugar na modalidade EaD[1]

A partir de agora, passo a refletir como os conceitos de tempo, lugar e espaço vão implicar na EaD. Até agora procurei demonstrar como estes são fundantes na educação, transcorrendo as mudanças, ou não, a partir da Modernidade, que influenciaram diretamente os processos de ensino.

Nesta discussão, inicio a reflexão pelo conceito de Educação a Distância. Apesar de existirem outras conceituações sobre a modalidade disponível na bibliografia (ALVES, 2011, MOORE; KEARSLEY, 2007), para desenvolver o artigo utilizo os autores Carmem Maia e João Mattar (2007). Justifico a escolha por tratar-se de uma proposta brasileira dentre a pluralidade

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

encontrada. Esta característica pode possibilitar uma aproximação maior da realidade pesquisada. Outra questão importante é que estes autores já são referências nacionais, e ainda, este conceito traz elementos importantes e fundantes da modalidade. Assim, Maia e Mattar (2007, p. 6) definem: “A EaD é uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados, planejada por instituições e que utiliza diversas tecnologias de comunicação”. Nesta conceituação os autores vão explorar cada elemento que compõe seu conceito de EaD (MAIA; MATTAR, 2007), aqui destaco dois, que interessam a esta discussão:

- a. Separação do espaço[2] - abordam a separação geográfica entre professor e aluno, enfatizando que não é só em sala de aula que se aprende e ainda, na sociedade de informação, a sala de aula é o local menos propício para a educação;
- b. Separação do tempo - nesse aspecto eles abordam a diferença do tempo real e do tempo virtual, onde o primeiro está relacionado ao tempo das aulas presenciais, já o tempo virtual estaria relacionado a atividades assíncronas e seria mais sensível ao tempo de aprendizagem de cada aluno;

Assim, os conceitos de *tempo*, *espaço* e *lugar*, fundantes na sociedade moderna, que atravessam a ideia de escola, estão afirmados no conceito de EaD. A partir disso, parece fundamental refletir como estes entendimentos se efetivam na discussão de ensino da modalidade EaD. Estas noções, que tratam de teorias implícitas[3] dos professores, precisam ser refletidas pois são elas que embasam suas ações e proposições no ensino.

A modalidade EaD, muda o cenário educacional da sala de aula, regida por um tempo. Para além do cenário, muda também as possibilidades de interação e de informação a partir do desenvolvimento das TICs. De imediato, professor e aluno não estarão ao mesmo tempo no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Além disso, o tempo virtual traz um entendimento da modalidade que está muito mais relacionado ao tempo de aprendizagem do aluno, que propriamente o tempo real compartilhado do professor no ensino (MAIA; MATTAR, 2007).

Em relação ao lugar, o professor não está no mesmo ponto geográfico do aluno. A web torna-se “o lugar”, e esse novo lugar é muito vasto e flutuante. O AVA está cada vez mais migrando para rede sociais, assim, até mesmo a ideia de “sala de aula virtual”, que parece se apresentar, como linguagem, uma tentativa de aproximação da referência do lugar presencial, que é familiar, está cada vez mais efêmera.

Peters (2004) afirma sobre as diferenças entre a modalidade presencial e a distância, a partir do tempo e do lugar da seguinte forma:

O principal propósito dos espaços reais de aprendizagem, a reunião de professor e aluno, fica sem sentido [na EaD]. A esfera ilimitada, incompreensível, por trás da tela do monitor se espalha além de todos os locais de aprendizagem que conhecemos e pode abarcar o mundo, e até o cosmo. O

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

tempo e os locais não são fixos. Este espaço inimaginável não é fechado, protegido, pessoas e objetos não são relativamente fixos, mas, pelo contrário, efêmeros e transitórios. Transforma-se frequentemente e rapidamente. Flutua. Não há qualquer ambiente real com o qual os estudantes possam interagir e estabelecer relacionamento (PETERS, 2004, p.152).

Dessa forma, a modalidade a distância tende a romper com a ideia de tempo e lugar definido. Se nas primeiras salas de aula, o tempo e o lugar definiam processos de ensino e aprendizagem, hoje, com a possibilidade de interação e uma alta intervenção tecnológica no processo (TICs), o que parece anunciar-se e reforçar é o conceito de espaço. O que a fala de Peters (2004) sugere é a discussão de “relações entre outros ‘ausentes’, localmente distantes de qualquer situação dada, ou interação face a face” (GIDDENS, 1991, p. 27). Logo, poderia pensar que na EaD, não é mais possível discutir simplesmente a partir do conceito de *lugar*, mas sim de *espaço*.

Há então, uma incongruência entre a concepção do professor (de um período histórico anterior) e os entendimentos que a modalidade suscita. Diante disso, me reporto novamente a Giddens, (1991, p. 27-28) que afirma, “A separação entre o tempo e o espaço não deve ser vista como um desenvolvimento unilateral, no qual não há reversões ou que é todo abrangente. Pelo contrário, como todas as tendências de desenvolvimento, ela tem traços dialéticos provocando características opostas”. O que parece emergir é um movimento dialético e não linear de entendimentos destes conceitos que vão sendo assimilados pelos professores. Se até o advento da EaD (especialmente a partir do seu crescimento no último período com as possibilidades das TICs), esta questão não estava em discussão, agora esta modalidade que afirma uma ausência de “lugar” e a referência a um “espaço”, somada a uma nova concepção de “tempo”, exige dos professores, um entendimento que ainda não está assimilado para a educação.

Além disso, Giddens ainda afirma ao responder porque a separação do tempo e espaço é crucial para o dinamismo da Modernidade,

As instituições desencaixadas [referindo-se à separação dos conceitos] dilatam amplamente o escopo do distanciamento tempo-espaço e, para ter este efeito, dependem da coordenação através do tempo e do espaço. Este fenômeno serve para abrir múltiplas possibilidades de mudança liberando das restrições dos hábitos e das práticas locais. (GIDDENS, 1991, p. 28)

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Então, a separação de tempo e espaço facilitam as transformações sociais. Ao acabar de afirmar a permanência de entendimentos pré-modernos no ensino, seria possível sugerir que se não acontece este desencaixe, as mudanças que poderiam ocorrer a partir da liberação de “restrições dos hábitos e das práticas locais”, ficam inviabilizadas, ou difíceis de acontecer, logo, as dificuldades dos professores em mudarem suas concepções de ensino, será maior.

Estas dificuldades podem ser percebidas a partir da fala de alguns professores da modalidade EaD. A partir de Martins, (2017) em sua pesquisa de mestrado baseada em Pesquisa-ação, em uma formação colaborativa, percebe-se que os professores afirmam obstáculos para o ensino, e expressam a origem destes, relacionando às questões de tempo, espaço e lugar.

A fala do professor Sargas, professor Universitário da EaD, é muito ilustrativa para esta questão. Em um encontro de formação colaborativa ao tratar da modalidade presencial, falando da situação dos alunos que não conseguiam entender um cálculo, Sargas (04/03/2016, apud MARTINS 2017, p. 88), afirma “então como tu consegues fazer isso na EaD? No presencial eu **vou do lado pego a caneta** e ...”. Nessa fala, Sargas parece evidenciar a necessidade de estar ao mesmo tempo e no mesmo lugar com o aluno, para tirar suas dúvidas. Como isso não é possível na modalidade EaD, não concebe como poderia explicar. O lugar “ao lado”, reforça a ideia de uma presencialidade, e de um lugar fixo advindo dos fundamentos reflexivos do professor. O “vou ao lado” refere-se a um tempo forçado com um lugar definido (TARDIF; LESSARD, 2005), logo, um onde definido pelo quando, que não é possível acontecer no ensino a distância.

Este mesmo professor, em outro momento, também se refere, relatando seu trabalho na modalidade presencial, “O que que eu faço no presencial? Eu levo os estudos de casos, os grupos discutem e apresentam entre eles e fazem discussão **em sala de aula**. Na EaD é mais difícil, não tem como desenvolver isso, né?” (SARGAS, 04/03/2016, apud MARTINS, 2017, p.88). Esta fala reforça a análise acima, onde a “sala de aula”, o lugar no tempo definido, tem uma importância e é condição para discussão do conteúdo.

Outra fala de professor, citado por Martins, (2017), também, pode ilustrar esta dificuldade de atuação na EaD. Ele faz referência à dificuldade para desenvolver uma discussão reflexiva com os alunos nesta modalidade,

O conhecimento está disponível, mas como que eu ligo isso, para fazer uma reflexão? Porque senão, aquilo que está escrito na internet, que análise crítica eu faço sobre isso? E daí em diante nessa sociedade que eu internalizo o que é que eu penso disso? Isso tem que ser provocado! Assim, você desenvolve o cidadão, pensando nisso eles vão poder interpretar. Eu acho que esse é o maior gargalo. Na EaD é mais complicado, com as ferramentas, **tu não estás junto**, nós cinco aqui “flautiemo” [conversamos entre nós], mas daí quando o cara está lá, um entra num horário, outro entra em outro... (GIRTAB, 01/04/2016 apud MARTINS, 2017, p.112)

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Assim, fica evidente que o “estar junto” com o aluno é fundamental para Girtab, construir processos reflexivos. Ao discutirem sobre processos reflexivos de ensino e aprendizagem, ele concebe a possibilidade na modalidade presencial, mas acha difícil, desenvolver isso na modalidade EaD, por não haver a presença. A impossibilidade de estar junto e conversando, parece se colocar como um empecilho para a construção de um aprendizado reflexivo (MARTINS, 2017). Na EaD, não há “tempo social imposto” (TARDIF; LESSARD, 2005, p. 76), alunos e professores estão em tempos diferentes no ambiente virtual, além disso o tempo de estudo, de aprendizado e de acesso ao professor, é relativo a cada aluno. Ao contrário, para o professor, há um tempo definido para interagir com os alunos, quase aos moldes da sala de aula, já que ele tem turnos de atendimento. E como ele se sente ao ir para frente do computador e não ter ninguém para dialogar assincronamente, se ele sempre foi para a frente da sala de aula e falou com uma turma até “a sineta tocar”?

Moore, (1993), autor da EaD, buscou fazer uma discussão sobre a distância entre professor e aluno. Em busca de alternativas para entender este contexto da dificuldade de alunos e professores apropriarem-se da lógica da modalidade EaD, onde o lugar é separado geograficamente, Moore (1993) desenvolveu a Teoria da Distância Transacional. Segundo ele, este conceito:

[...] descreve o universo de relações professor-aluno que se dão quando alunos e instrutores estão separados no **espaço** e/ou no tempo. Este universo de relações pode ser ordenado segundo uma tipologia construída em torno dos componentes mais elementares deste campo - a saber, a estrutura dos programas educacionais, a interação entre alunos e professores, e a natureza e o grau de autonomia do aluno (MOORE, 1993, p.2).

Nesta introdução que o autor faz ao conceito, já é possível perceber, pelo percorrido até aqui, que o entendimento de *lugar* é confundido com *espaço*. A separação que há entre alunos e instrutores é do lugar. Mas Moore segue, pois, a proposta da teoria é de que, podemos ter um outro entendimento de distância, que se dá pela ideia de transação. Assim, ele vai definir este entendimento:

A transação a que denominamos Educação a Distância ocorre entre professores e alunos num ambiente que possui como característica especial a separação entre alunos e professores. Esta separação conduz a padrões especiais de comportamento de alunos e professores. A separação entre

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

alunos e professores afeta profundamente tanto o ensino quanto a aprendizagem. Com a separação surge um **espaço** psicológico e comunicacional a ser transposto, um **espaço** de potenciais mal-entendidos entre as intervenções do instrutor e as do aluno. Este **espaço** psicológico e comunicacional é a distância transacional (MOORE, 1993, p. 2).

Ainda segundo Moore (1993), a distância transacional é contínua e configura-se como termo relativo, pois acontecem por espaços psicológicos entre professores e alunos, que não são os mesmos. Aqui, o entendimento de espaço, parece ser confundido com *distância*, tanto que o conceito é de “distância transacional”. Se Guiddens (1991), está correto no seu entendimento de espaço, não parece que há um “espaço psicológico”, nem é o espaço que tem potenciais mal-entendidos. Há sim, a ideia do espaço (de Giddens, 1991), que a EaD suscita e que por não estar incorporada, gera dificuldades. Ao tratar os conceitos de tempo e espaço com a importância fundante que tem, tanto da escola, quanto da EaD, não parece ser possível, ignorar a forma de uso destes conceitos na modalidade, pois corre-se o risco de interpretações e entendimentos equivocados.

Desta maneira, se a interpretação feita até aqui estiver correta, a proposta de discussão de Moore (1993), através deste conceito, ficaria insuficiente para discutirmos as dificuldades dos professores, porque ela não compreenderia os fundamentos do problema que estaria relacionado à um entendimento de tempo e lugar, pré-modernos, quando a EaD, exige a incorporação do entendimento de espaço da Modernidade.

Os elementos fundantes, de *tempo e lugar*, e *espaço*, vão desdobrar em elementos da discussão do processo de ensino e aprendizagem da EaD. O constructo feito até aqui, sugere que tais entendimentos têm implicações grandes nos processos educacionais da modalidade e consequentemente nas dificuldades dos professores no processo de ensino.

Considerações finais

Este artigo buscou fazer a reflexão em relação as dificuldades dos professores no ensino na modalidade a Distância, a partir dos seus entendimentos de tempo, lugar/espaço. Busquei refletir como estes conceitos, que se transformaram na história, influenciam ou embasam estas dificuldades. O caminho reflexivo usado, partiu das mudanças em relação aos conceitos de tempo, lugar e espaço, demarcando a mudança ocorridas e o reflexo disso na educação através do conceito de escola. Por fim, trouxe o conceito de EaD, onde estes entendimentos se explicitam refletindo na atuação do professor.

A partir do conceito de “Distancia Transacional” (MOORE, 1993), afirma-se que não é novidade refletir sobre as dificuldades dos professores em relação a discussão de espaço e tempo na EaD. Mas, ao acrescentarmos a noção trazida por Giddens (1991) podemos ampliar o

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

entendimento sobre o que acontece com os professores ao estarem trabalhando no ensino desta modalidade.

As reflexões feitas até aqui, parecem apontar que os professores têm compreensões sobre o ensino, advindas de um entendimento de escola, fundado nos conceitos de *tempo* e *espaço* pré-moderno. Partindo dos conceitos de espaço, tempo e lugar de Giddens (1991), deste período, o tempo e o lugar eram termos que se complementavam, e o “onde” era definido pelo “quando”. Assim, o ensino se dá num “onde”, sala de aula - lugar geográfico, e é definido pelo “quando”, no tempo forçado, em uma zona do dia.

A Educação a distância muda esta situação, e parece que esta modalidade exige do professor assimilar o conceito de *espaço*, onde não há presença, nem interação face a face, advindo da Modernidade, mas ainda não incorporados em sua teoria implícita. Quando estes professores, entram em um lugar (web) em que os alunos não estão ao mesmo tempo, a noção, da Modernidade, de espaço, a partir da relação “entre outros ausentes”, fica evidente. Ao não estar na sua teoria implícita este entendimento, e sim outro anterior, ele não sabe como atuar, ou tem muita dificuldade. Suas teorias implícitas dizem de outros entendimentos, da escola moderna, é verdade, mas com concepção de tempo, lugar e espaço, da sociedade pré-moderna, que se refletem no ensino e são incongruentes com a realidade vivida, no ambiente virtual. Compreender isso, parece-me fundamental para refletir sobre o ensino na EaD e sobre como podemos melhorar seus processos.

Bibliografia

ALVES, Lucineia. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, São Paulo, v. 10, p. 83-92, 2010. Disponível em: Acesso em: 03 jun. 2015.

AMARAL, Sérgio Ferreira do; BARROS, Daniela Melaré Vieira. Estilos de aprendizagem no contexto educativo de uso das tecnologias digitais interativ. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE NOVAS COMPETÊNCIAS EM TECNOLOGIAS DIGITAIS INTERATIVAS NA EDUCAÇÃO, 2007, São José dos Campos. Anais Eletrônicos. Disponível em: http://www.lantec.fe.unicamp.br/lantec/pt/tvdi_portugues/daniela.pdf Acesso em: 03 jun. 2015.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESO, 1991.

HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo, Edições Loyola, 2006.

MACHADO, Patrícia Roberta de Almeida Castro. Crenças e competências docentes em EAD em um contexto de formação de professores de língua espanhola. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em: Acesso em 12 abr.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

2015.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. ABC da EaD: A educação a distância hoje. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

MARTINS Mariane Denise. Processos de ensino e aprendizagem na modalidade de EaD: uma discussão a partir da compreensão de professores. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2017.

MOORE, Michael Grahame. Teoria da Distância Transacional. (1993) In: Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2002. Disponível em: Acesso em set. 2016.

MOORE, Michael Grahame.; KEARSLEY, Greg. Educação a Distância: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

PETERS, Otto. A Educação a Distância em transição. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

SOUZA, Marcia Maria Previato de. Formação tecnológica do professor para educação a distância. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011. Disponível em: Acesso em: 12 abr. 2015.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.

[1] Neste item usarei algumas falas de professores, que provem da minha dissertação, feita ao final do curso de Mestrado em educação, intitulada Processos de ensino e aprendizagem na modalidade de EaD: uma discussão a partir da compreensão de professores, orientada pelo professor Doutor Fernando Jaime Gonzáles.

[2] Apesar das autoras usarem “*espaço*” fica evidente que sob a teoria de Giddens (1991), trata-se da discussão exclusiva de “*lugar*”.

[3] A *teoria implícita*, “influem poderosamente na forma em que interagimos e aprendemos em cada um desses domínios [na natureza, na economia, nas relações interpessoais, na tecnologia, na saúde, na doença etc.] [...] Ela provem do *aprendizado implícito* “não requer um propósito deliberado de aprender, nem uma consciência do que se está aprendendo, de forma que produz conhecimentos implícitos.” (POZO, 2002, p. 56)

Evento: XXII Jornada de Pesquisa